Lagaretas Rupestres do Castelo de Cadaval, Murça

João Viana Antunes *
Pedro Baére de Faria *

Desde meados da década de 1990 que temos vindo a proceder a um levantamento de estruturas rupestres associadas à produção vitivinícola no AltoDouro Vinhateiro, no âmbito da nossa participação como membros do GEHVID, integrando a equipe de arqueoloia clássica daquele grupo de investigação da FLUP, sob a orientação do Doutor Carlos Brochado de Almeida.

Era nosso propósito inicial obter um conjunto de dados arqueológicos ligados à vinha e produção de vinho no vale do Alto Douro, centrados em torno dos lagares rupestres. Esses dados incluiriam todo o manancial de informação possível de recolher com recurso à prospecção arqueológica, incluindo vestígios cerâmicos, restos de materiais de construção de edifícios e com especial relêvo, aqueles que pudessem ser conotados com o vinho. O nosso alvo cronológico preferencial era o período clássico, ou seja a época romana e os tempos imediatamente subsequentes, com essencial atenção para a alta Idade Média.

A prática de campo acabou por nos atribuir preferencialmente três grupos de vestígios: aqueles que se prendem com antigos *habitats*, certamente dependentes da produção agrícola e quantas vezes com evidências da prática do cultivo da vinha e produção de vinho, como são os *dolia*, juntamente com outros materiais cerâmicos e elementos de arquitectura (colunas, almofadados etc); as necrópoles cavadas na rocha de período medieval; os lagares rupestres.

Poder-se associar um conjunto de dados arqueológicos consistente (no sentido que correspondem a um dado período de tempo), capaz de caracterizar para um

* Arqueólogos. Membros da equipa de História Antiga do GEHVID.

dado território, a relação entre o homem e a vinha através daquela recolha de dados, revelou-se extremamente difícil. Pois se tivémos a oportunidade de referenciar inúmeros dados que comprovam a presença de *habitats* situados na orla cronológica da romanização/Idade Média, o móbil central da nossa pesquisa: o lagar rupestre, existente na proximidade, ou não, daqueles vestígios, pode remeter-nos para um espectro cronológico bastante amplo.

O lagar cavado na rocha colhe de forma sensivelmente indiferenciada a denominação de "lagar" ou "lagareta", parecendo que esta última expressão se oposiciona ao lagar, como estrutura construída dentro de um edifício, com blocos de pedra bem aparelhados e uma dimensão bem superior. Com efeito, o lagar rupestre distingue-se de forma incontornável do "lagar tradicional" que nos habituámos a ver nas adegas das quintas vitivinícolas.

Na realidade o lagar rupestre é uma estrutura de fabrico de vinho com características absolutamente únicas. Os traços que especificamente o caracterizam são a pouca profundidade habitual das suas paredes e a existência de um canal de drenagem. Em todos eles se observa que eram operados como lagares de bica aberta, ou seja o mosto correria permanentemente durante a pisa da uva.

Quanto a nós há que distinguir "lagar" de "lagareta", com base nas características dos exemplares por nós registados, ao longo destes últimos anos, com especial incidência sobre o território a sul do rio Douro.

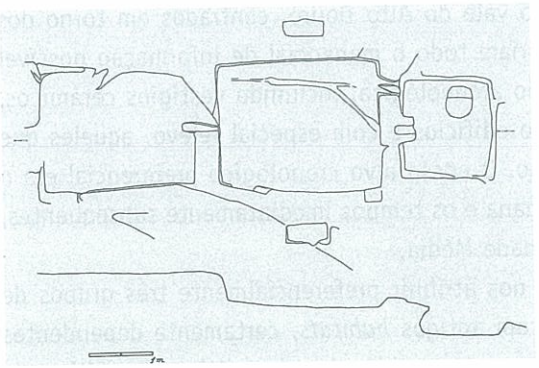

Fig. 1 | Lagar das Trigueiras, Meda

Dos vários lagares rupestres por nós estudados a grande maioria corresponde ao género que preferimos apelidar de "lagar", por oposição a "lagareta". São estruturas constituídas por um *calcatorium*, um *lacus* e normalmente munidos de *stipitae*. O primeiro é a área de pisa da uva e normalmente é cavado sobre a rocha (quase sempre um afloramento granítico), com cerca de 4/5 metros quadrados de área, algo menos ou algo mais. O *lacus* é um recipiente, também ele cavado na rocha e localizado a uma cota mais baixa do que o *calcatorium*, sob a bica ou canal de escoamento do mosto proveniente daquele. É cavado mais profundamente e a sua capacidade varia muito. As *stipitae* são cavidades localizadas lateralmene, mas sem posição obrigatória e em número também variável, destinadas á colocação do engenho de prensagem do bagaço.

A "lagareta" é muito menor, frequentemente não ultrapassa um metro quadrado de área e possui apenas um *calcatorium* com bica ou canal de drenagem. Só muito raramente estão destinadas à colocação de uma prensa, pelo menos com auxílio de *stipitae*, pois não as possuem.

Dado que o nosso levantamento de lagares cavados na rocha tem incidido preferencialmente na parte sul do território do vale do rio Douro, sobretudo em torno da Mêda e território envolvente, torna-se obrigatório fazer a ponte entre os exemplares aí estudados e aqueles que correspondem ao móbil deste artigo: as lagaretas do Castelo de Cadaval, em Murça, com uma breve referência a outros conhecidos a norte do Douro, em Carlão, Alijó e de Castorigo, Alijó.

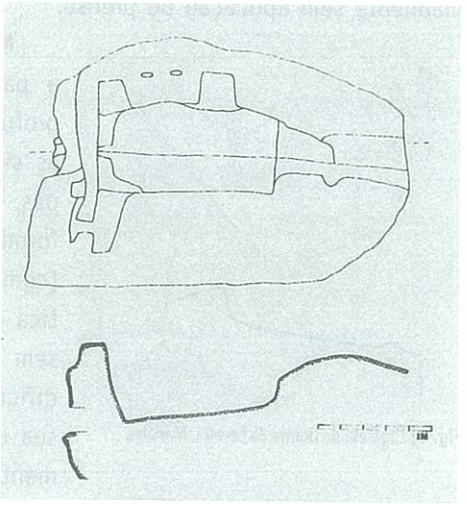

Fig. 2 | Lagareta do Lameiro dos Amarais, Marialva

Não se trata aqui, de procurar diferenciar os exemplares conhecidos a sul e a norte do rio Douro, tal tentativa de síntese, seria, no actual estado do nosso conhecimento, despropositada. Pois se para o território a sul do rio Douro, possuímos uma recolha bastante significativa de dados, o mesmo está muito longe de ser alcançado para o território a norte do mesmo curso fluvial.

Tentaremos tão somente dar um apontamento de tipologia dos lagares/lagaretas cavados na rocha. Tal com base exclusiva nas observações por nós realizadas durante os levantamentos.

Como já referimos acima, a nossa base de reflexão parte da diferenciação entre lagar e lagareta, mas de uma diferenciação material, ou seja que decorre da caracterização física dos diversos exemplares, através da observação das partes constituintes de cada um e do modo como elas se repetem sensívelmente.

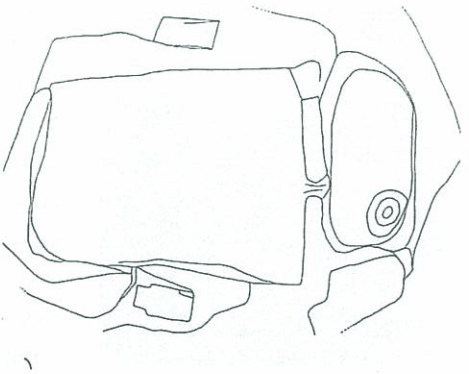

Fig. 3 | Lagar da Quinta de S. João, Meda

Assim, o traço que mais marcadamente estabelece uma distinção é o

tamanho (área de pisa) e a presença de cavidades (*stipitae* ou virgens) para colocação de uma prensa para espremer o bagaço, após a pisa.

Estas características autorizam-nos a pronunciarmo-nos pela existência de "lagares": maiores e com utilização de prensa e "lagaretas": mais pequenas e normalmente sem aplicação de prensa.

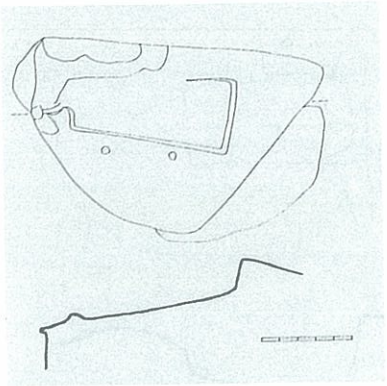

Fig. 4 | Lagareta da Quinta da Leveira, Marialva

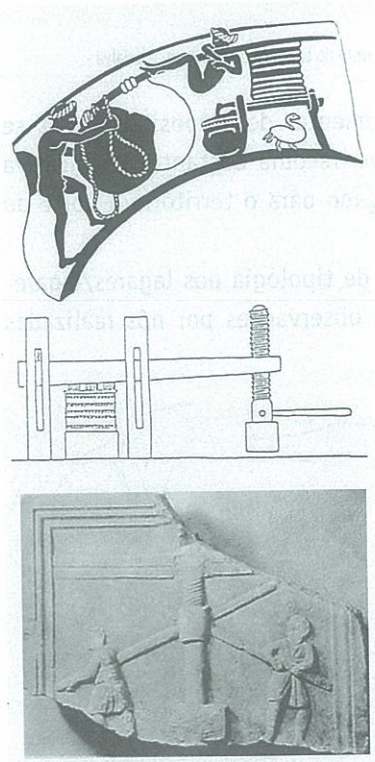

Fig. 5 | O torcularium

No essencial, o modo de produzir o vinho a partir daqueles engenhos, não nos parece profundamente distinguível, já que em todas as situações se procederia a uma pisa com os pés, no *calcatorium*, e se recolheria o mosto de forma continuada, através do orifício, ou canal (com ou sem bica) de drenagem. A característica chave de diferenciação é a prensa, já que sem cavidades para a sua colocação torna-se difícil, salvo raras excepções, compreender a sua utilização e menos ainda, provar vestigialmente a sua presença durante o processo de produção do vinho.

A prensa, reporta-se neste caso à velha "prensa grega", ou também mais tarde conhecida como "prensa de Catão" (*torcularium*). É a prenda de trave (*praelum*), accionada por parafuso (*malus*) ou cabrestante (Antunes e Faria, 2002, pp. 65 – 77),ou ainda um modelo mais simples de parafuso directo sobre a galeagra, provavelmente o modelo mais recorrente neste caso.

Os exemplares que temos estudado para a zona a sul do rio Douro, correspondem de modo preferencial ao género "lagar", entre os quais o mais notável é um localizado nas Trigueiras, Mêda, o qual possui duas áreas de *calcatorium*, das quais uma destinada ao *torcularium*.

Destaque ainda para a "lagareta" do Lameiro dos Amarais, Marialva, dos raros casos que conhecemos de "lagareta" com cavidades para prensa. Trata-se de uma estrutura posicionada

a uma cota tal, que faz com que a bica se situe à altura aproximada de uma pessoa.

Os "lagares", segundo a denominação que temos vindo a utilizar, e de que fizemos recolha documental a sul do rio Douro, não correspondem, contudo, a uma tipologia rígida, como vimos já pelo exemplar das Trigeiras, assim como se nota também por um outro, muito particular, existente em Marialva, na Fonte da Pipa, de feição circular, mais próximo de uma "lagareta", com um generoso *lacus* e sem *stipitae*. Este é o único que localizámos, supostamente datado, já que justaposta se lhe gravou a numeração 1700. Tudo indica que aqui a prensa se colocava encaixada dentro do *calcatorium*.

Fig. 6 | Lagar da Fonte da Pipa, Mariava

Na proximidade do Castelo de Castorigo, Alijó (Almeida, et alii, 1997, pp. 15 – 24), ou seja na proximidade do povoado fortificado da Idade do Ferro e romanizado, foram detectados dois sistemas de pisa, sem qualquer dúvida associados à produção de vinho. Têm configurações distinta, apenas próximos um do outro, tanto na distância, como no tipo, pelo facto de possuirem um *calcatorium* sub-rectangular, com cerca de pouco menos de dois metros quadrados, um mais alongado do que o outro e sem *lacus*, por oposição ao outro que o possui.

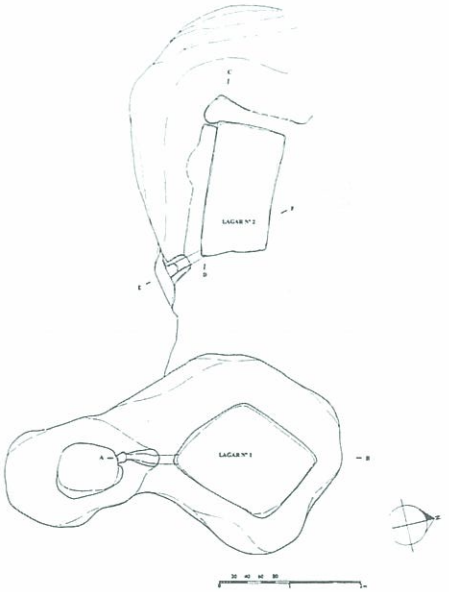

Fig. 7 | Lagaretas de Castorigo, Alijó

Estamos perante duas estruturas praticamente geminadas, que muito provavelmente eram utilizadas de modo complementar e que pertencem, quanto a nós, ao tipo "lagareta": possuem pequeno porte e não parecem estar associadas ao uso do *torcularium*. Contudo uma delas drenava o seu mosto, potencialmente, para um *lacus*, dizemos potencialmente, pois existe

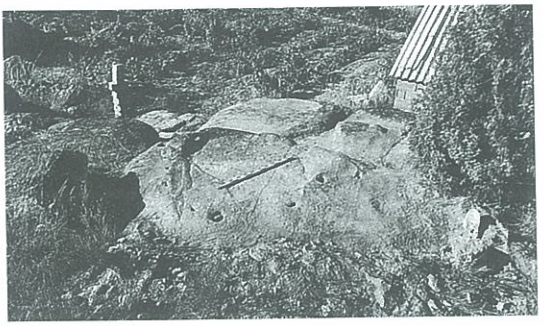

Fig. 8 | Lagaretas de Castorigo, Alijó

claramente um entalhe para calha, no final do canal de drenagem, o que associamos ao uso de recolha directa do mosto para recipiente apropriado, técnica obrigatória na outra lagareta, já que tem um canal de drenagem com as mesmas características.

Na envolvente de um outro povoado fortificado da Idade do ferro, em Carlão, Alijó (Almeida, 1992, pp. 229 – 261) , foram identificadas várias "lagaretas" cavadas no granito, mas que variam bastante na sua dimensão e configuração. Nenhuma possui traços de aí serem empregues prensas, mas as áreas de *calcatorium* não se encontram, num ou outro exemplar, longe das melhores referências que conhecemos.

Fig. 9 | Lagaretas de Cadaval, Murça

Caracerizamo-las contudo, dentro da categoria das "lagaretas", pois são estruturas simples, sem *laci* associados, nem *stipitae*.

Perto do Castelo de Cadaval, Murça, procedemos ao levantamento arqueológico de duas pequenas "lagaretas" geminadas, construídas sobre o mesmo afloramento, o qual se apresenta fracturado entre as duas estruturas.

Quase se diria que o penedo não deu para cavar uma só "lagareta", em continuidade e de maiores proporções, tendo-se optado pela realização de duas menores. É interessante observar-se que uma das "lagaretas" encontra-se truncada numa das faces longitudinais, por força de uma fractura que sofreu. Acidente ou tentativa de aproveitamento da pedra.

As "lagaretas" são em tudo idênticas, terão menos de um metro quadrado de superfície, bastante bem cavadas e terminadas num profuso canal com encaixe para calha de drenagem para recipiente, muito bem desenhadas.

Estamos sem qualquer sombra de dúvida, perante duas "lagaretas" para vinho, onde se pisava a pé, e exclusivamente por esse meio, a uva. O mosto corria pelo canal de drenagem e era recolhido em recipiente destinado a esse fim.

O que se pode retirar de tudo o que acima ficou exposto?

Se não é impossível definir uma tipologia ou tipologias para os lagares cavados na rocha, muito mais complicado torna-se determinar uma cronologia certa para a sua utilização e qual o seu significado histórico exacto, bem como o seu peso económico e social, dentro desse significado histórico (Almeida et alii, 1999, pp. 97 – 103).

Na realidade, podemos supor os lagares cavados na rocha como uma técnica ancestral no fabrico do vinho. Podemos mesmo supor que as lagaretas de Alijó e Murça, dado o seu posicionamento geográfico (tão intímo dos povoados da Idade do Ferro que as marginam), que aquelas lhes serão contemporâneas, de uma época em que por influência da cultura romana, as "artes de Baco" já haviam colhido fruto junto da população autóctone. Contudo limitar-nos-emos sempre ao campo das hipóteses, pois estamos longe de poder estabelecer, como em Almendra (Cosme, 2001, pp. 55 – 62), junto ao Castelo Calabre, por meio de critéros rigorosos da metodologia arqueológica, uma relação entre uma ocupação do período romano e a presença a ela associada de estruturas de produção de vinho.

O lagar da Fonte da Pipa, apenas, entre todos os exemplares que conhecemos, nos autoriza, por aproximação, a datar o mesmo como sendo dos inícios do século XVIII. Todos os restantes poderão corresponder a cronologias tão latas como o período clássico, até à Idade Média, passando pela Época Moderna e a contemporâneidade.

Só com um levantamento exaustivo tanto a sul como a norte do rio Douro, se poderá fazer um estudo quantitativo a vários níveis, entre os quais do ponto de vista tipológico e de relacionamento com outros vestígios arqueológicos, históricos e etnográficos, por forma a tentar um ensaio da evolução ou tradição dos "lagares/lagaretas" cavados na rocha.

Bibliografia:

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de – O Passado Arqueológico de Carlão – Alijó, in Portugália, XIII – XIV, Separata, FLUP, 1992

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de et alii – Os lagares cavados na rocha do castelo de Castorigo – Pegarinhos (Alijó), in Douro IV, Estudos e Documentos, 1997

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de et alii – Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro, in Revista Portuguesa de Arqueologia, II, 2, 1999

COSME, Susana Rodrigues – O lagar romano da Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra, Vila Nova de Foz Côa), in Douro XII, Estudos e Documentos, 2001

ANTUNES, João Viana e FARIA, Pedro Baère de – Lagares do Alto Douro Sul. Tipologias e Tecnologia, in Douro XIV, Estudos Documentos, 2002